

**O CÍRCULO BAKHTINIANO
E O JORNAL NA SALA DE AULA**

Edilaine Vieira Lopes (UNIRITTER)

edilaine.nh@gmail.com

Vera Lúcia Pires (UNIRITTER)

pires.veralu@gmail.com

RESUMO

Apresenta-se aqui o relato de um estudo em andamento a partir da leitura do jornal na sala de aula, que surge como instrumento possibilitador de uma ação social, inserindo os educandos no seu contexto sócio-histórico-cultural, como atuantes e protagonistas da própria aprendizagem, uma vez que a leitura crítica do discurso jornalístico permite um estudo aprofundado das ideologias, por meio da intertextualidade, da intersubjetividade, da polifonia e do contato com diversos gêneros textuais. O estudo de caso se justifica teoricamente por preocupar-se com o desenvolvimento das habilidades e das competências leitora e escrita, por meio da leitura, produção escrita e reescrita de textos dos mais diversos gêneros, conforme estudos da corrente filosófica russa de Mikhail Bakhtin e seu círculo transdisciplinar. Pretende-se com este estudo analisar e compreender a produção de sentido e a importância da ação para a educação, sobretudo na cidade de Novo Hamburgo.

Palavras-chave:

Círculo Bakhtiniano. Jornal na Sala de Aula. Leitura. Ensino. Aprendizagem.

1. Introdução

Os conceitos presentes na obra de Mikhail Mikhailovitch Bakhtin e do Círculo¹⁴⁹ nos desafiam a pensar que tudo está em movimento permanente e que não há segurança para afirmações e construções formais, pois nada é definitivo, ainda mais nas atividades humanas, na comunicação, na enunciação, no mundo da informação, nas notícias, no jornal.

Envolta por esse desafio, a presente tese faz parte do Grupo de Estudo *Enunciação, Práticas Discursivas e Processos Identitários*, coordenado pela Profa. Dra. Vera Lúcia Pires, que vem trabalhando com a teoria bakhtiniana nas últimas três décadas. Assim, a pesquisa tem como ba-

¹⁴⁹ Acerca da autoria, entendo como coletiva a obra de Mikhail Bakhtin, uma vez que o próprio afirmou em entrevista, pouco antes de morrer, que não existiria o Mikhail Bakhtin teórico sem as vivências e produções do Círculo. Assim, evitarei deter-me aos detalhes: leia-se "Bakhtin e o Círculo" caso haja a descrição "Mikhail Bakhtin" (Círculo: Volochinov, Medvedev, Pumpianski, Iudina, Vaginov, Kanaev, Kagan etc.).

se teórica o dialogismo em suas intersecções com a cultura de maneira interdisciplinar, e pretende servir de referência às demais que, como essa, foram desenvolvidas nas linhas de pesquisa "Linguagem, discurso e sociedade" e "Linguagem e aprendizagem" do Mestrado em Letras, bem como "Leitura e processos de Linguagem" do Programa de Doutorado em Letras, Associação Ampla UCS/UniRitter.

Pensando como teórica da linguagem, escolhi a epistemologia do diálogo interno, que estava *cá dentro, sem retorno, sem escuta*. Em meio às tantas vozes discordantes que me constituem, resolvi escutar as Edilaines outras ou o *não-eu-em-mim*. Literalmente isso: escutá-las. Em pleno momento de *autoinfernoastral*¹⁵⁰, passei a falar supostamente sozinha, porém em busca dos outros em mim. Gravei por meio de aplicativos do celular minhas dúvidas, meus apontamentos e anseios, com a liberdade e o cuidado teórico de digerir as provocações após cada aula, depois dos momentos de orientação ou ao término das obras bakhtinianas lidas.

O resultado não poderia ser outro: um texto¹⁵¹ (subdividido em parágrafos) propositalmente carregado de marcas de oralidade e de notas de rodapé (embora haja situações em que as citações ficam propositalmente subentendidas, sub-referidas e parafraseadas, uma vez que após longos períodos da leitura de várias obras eu precisava de um tempo para rumorejar, deglutir, digerir, assimilar. Como se pudesse, literalmente, sentir o gosto das palavras e apropriar-me delas (ou elas de mim; talvez me jantassem, me engolissem aos poucos).

A opção pelo formato ensaio¹⁵² surgiu como uma possibilidade de entendimento do fenômeno translinguístico, já que meu objeto de estudo não é apenas a língua, com determinado *corpus* a ser analisado, recortado. A linguagem a mim interessa e, para tanto, é preciso embrenhar-me, tomando consciência de que sou parte dela. *Minha semântica* talvez não pertença à linguística, mas à antropologia e à etnologia, ao que faz sentido para mim e ao que me constitui como humana, o que me diferencia:

¹⁵⁰ Grifo meu, para indicar o período de confusão mental pelo qual passei durante a redação da tese.

¹⁵¹ Refiro-me à tese, porém denominada como "texto" por acreditar que as ideias vão sendo tecidas e se tornam um objeto UNO, de modo que os capítulos são carinhosamente apelidados de "parágrafos".

¹⁵² Por estar em sintonia com um mundo em movimento, em perene transformação e em processo, não se submetendo a uma forma fixa e imutável.

minha relação com o outro, por meio da linguagem¹⁵³. Meu problema teórico talvez seja entender o exercício da linguagem humana (mas não por parte dos indivíduos, destarte do que age socialmente em mim). Consequentemente, opto drasticamente por um objeto de análise, citando um estudo de caso na tentativa desesperada de mudar o foco.

Optei, pois, pelo exercício da fala como único objeto real e material (em princípio) de que dispunha para entender o fenômeno da linguagem humana, transcrevendo-o posteriormente para ser apresentado como conhecimento científico à sociedade via tese de doutorado, e em Letras! O método positivista sempre foi quantitativo: dotado do “real” e do “material”, que poderia ser medido, pesado, manipulado; isso não condiz com o pensamento bakhtiniano, uma vez que sua escolha foi a filosofia do movimento, sem o mundo pronto, acabado e congelado.

Em uso, a língua é muito diferente do seu modelo teórico e aqui me aproprio disso com autoria, deixando propositalmente cada enunciado *meu* (enunciado outro) com fortes marcas de oralidade, transcritos, mesmo sabendo que são atos históricos novos e irrepetíveis, com vistas a tentar preservar parte do complexo sistema de diálogos (que nunca se interrompe) e que travei internamente, gravados e agora imortalizados pelo registro gráfico. Para tanto, retomo minha relação dialética com Mikhail Bakhtin e com sua obra (além do Círculo), sempre em relação dialética com minhas experiências ao lidar com a linguagem, principalmente a partir da minha hermenêutica ao ler e escrever. Entretanto, sei que não escrevo apenas para um enunciatário que constrói (que é um outro eu, por meio de uma imagem que tenho de mim mesma, uma imagem de autora, processo que, aliás, está em permanente mudança: o enunciador de hoje não será o mesmo que lerá o texto outro dia).

2. Justificativa e motivação

Redijo a partir do que falo; produzo enunciados diferentes, unidades de análise distintas. Todo diálogo e enunciado além de um enunciatário e de um enunciatário ou receptor, demanda a presença de um terceiro do diálogo. Todo discurso sempre pressupõe alguém diante de quem se dialoga e é a partir dessa referência axiológica que estabelecemos o conjunto

¹⁵³ Expressão que pode nietzscheaneamente ser alterada por “a fruição da linguagem”, isso é, “deixar-se usar pela linguagem”.

de valores à *minha* proposta, meu tema¹⁵⁴. Assim, crio aqui um problema, lembrando da tese de doutorado de Mikhail Bakhtin (*A Obra de François Rabelais: a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*), que foi recusada pela Academia de Ciências da União Soviética. O autor tinha um pensamento radicalmente revolucionário e era dotado de uma força irreverente, devastadora. Contrário aos discursos oficiais, valorizava a cultura popular, resgatava a força da oralidade e valorizava o riso como modo de denunciar. Inspirada em Mikhail Bakhtin, tento me encontrar e (re)descobrir o caminho que tracei para chegar até aqui: o que me levou até a leitura do jornal, ao estudo sobre a importância de ler jornal em sala de aula, como leitora, professora e como pesquisadora.

Antes de descrever o estudo de caso do Programa Jornal na Sala de Aula (PJSA), percebi que precisava delinear o *estudo do meu caso*. Deparo com as linguagens, com a língua, com a literatura e com os outros. Leio *Como se Faz uma Tese* (ECO, 2010), mas os “ecos” parecem não me ajudar com suas conclusões¹⁵⁵, então começo a achar que talvez Mario Quintana (2013) possa explicar o processo com o qual luto. Passo a gravar e a transcrever *meus* devaneios teórico-poéticos, numa tentativa (talvez frustrada) de resgatar a tradição oral constituinte de minhas raízes indígena e afro, parte da força que herdei dos meus avós.

3. Por que a teoria bakhtiniana?

Descobri Bakhtin e a linguagem. Mesmo assim, não insisti, afinal, ninguém me entenderia pois *só os loucos sabem!* Por isso a ousadia na opção de um ensaio, que talvez me dê a noção de falsa liberdade, por haver a possibilidade de ter um texto único, não cortado, tampouco fragmentado, como frango no abate, separado em miúdos, coxa, peito, vísceras... Sem separação de *corpus*, aliás, como previu um dia Bakhtin. É, talvez!

¹⁵⁴ Entendo por tema aquilo que é único em cada enunciado; uma significação global e uma série de elementos que não pertence à língua, podendo ser não-verbais. Um tema não pode ser nunca exclusivamente delimitado e não se repete de uma enunciação a outra.

¹⁵⁵ “Como pesquisador, concluí com propriedade que não se deve menosprezar o ridículo de uma situação característica da “universidade de massa” (que transforma o aluno em pesquisador por obrigação, para ascender profissionalmente): a tese é como um porco, nada se desperdiça... o importante é fazer as coisas com gosto... a tese pode ser vivida como um jogo, uma aposta, uma caça ao tesouro. Viva a tese como um desafio”. (ECO, 2010, p. 80)

A única garantia que tenho é a de que ainda estou respirando, pelo menos enquanto escrevo essas frases, que nada mais são do que versos. Antes tentei fazer poesia, mas fiz prosa. Agora é o inverso: escrevo poesia, em forma de prosa. Minha certeza é só uma, a de que um dia vou morrer. Se tiver sorte, quando isso ocorrer, pode ser que já tenha uma dúzia de respostas para minhas perguntas antigas e umas centenas de outras novas questões em aberto. Se escrevo, estou bem. A vida líquida flui, escorre, pinga. Particularmente, sou muito chata, crítica com o que partilho. Quando escrevo, me dispo, não é fácil ficar assim, nua. Ainda mais quando pretendo deixar que me avaliem. Serei avaliada e numa banca, em geral, o devir nunca é bem aceito, bem quisto, destarte em letras não seria diferente. Ai, que pena.

É aqui, na academia, que poderia surgir mais criação, diferença, unidade plural. “Mas isso é impossível?!” Não, não é¹⁵⁶. Se posso dizer que há “pôr do sol”, mesmo sabendo que ele nem se move e fica lá, paradinho, então posso criar palavras, usá-las como quiser, jogar fora e nem dar satisfação a ninguém. E assim todos ficam felizes, achando que se comunicam bem e que se entendem.

Com a leitura e a convivência com o Círculo, compreendi que no embate com a gente ou com o mundo, tendemos a preferir o mundo, já que tudo é convenção, invenção¹⁵⁷, são só acordos, palavras, união de letrinhas, ficção por ficção (talvez por isso goste tanto da literatura!), peso que o ensaio supre minhas necessidades pontuais. É uma emergência. Preciso criar este problema, agora! Por enquanto, está bom. Ficarei bem assim. (Eu acho!)

A arte enquanto criação é a escritura; o corpo enquanto ser, não apenas valorizando a mão que escreve ou a cabeça que pensa é um corpo que sente. A tecnologia ajuda, facilita, flui o processo de escritura. As infâncias que existem na contemporaneidade entram em linha de tiro com a dita pós-modernidade. As múltiplas formas de aprender e de ensinar, se é que ensinar é possível, numa tentativa desesperada de criar nomenclaturas com trans, multi, pluri e interdisciplinaridade; distúrbios *versus* difi-

¹⁵⁶ De acordo com a reportagem da revista *Língua Portuguesa* de outubro de 2009 (Editora Segmento), há muitos cursos de letras que têm aceitado dissertações e teses em formatos “livres” de escrita, além de literatura e ficção.

¹⁵⁷ A palavra invenção foi repetida tendo em vista a teoria de Kastrup (1999), que vê a cognição como a invenção de problemas, não apenas como solução ou resolução.

culdades de aprendizagem; a verdade é produzida pela linguagem, poderosa e soberana; os conceitos de que é importante padronizar e escrever “igual”, sermos todos “normais”, afinal, o que é isso, ser normal? O que é “difícil”? E “fácil”, há de ser o que, exatamente? Sob que parâmetros, sob quais óticas ou perspectivas?

Outro dia, num congresso internacional, ouvi que somos mais arrogantes do que um pé de couve. Faz sentido e essa frase salvou o evento inteiro! Queremos ser o que não somos e quando achamos que possuímos algo ou quando algo nos possui, negamos. É assim com o corpo da linguagem na escola, com escrita, leitura, escritura.

O que é subjetivo mesmo? Existe subjetividade? Nessa agonia de questões, inicialmente tracei a problemática na premissa de que, durante o processo de escolarização, as diversas formas de expressar outras linguagens interferem na sociabilidade e na produção das crianças.

Assim, descobri que parece necessário estudar como ocorre o processo da linguagem. Logo, esse breve ensaio de uma estudante e professora em crise se pretenderá crítico e teórico, versando sobre a aprendizagem da linguagem para estudantes que apresentam (ou não) dificuldades de aquisição da língua. Como? Partindo da minha perspectiva, enquanto autora, estudante, educadora, pesquisadora, como UNO, muitos seres em apenas um. Para tal, a escritura será descrita como processo artístico, constituinte da criação.

Pela oportunidade que tenho ao relatar e vivenciar minha própria escrita, pude compreender o que os teóricos afirmavam, que escrever se torna difícil quando não há lugar para a escritura, para aquilo que faz sentido, quando o corpo e as intensidades estão fora da jogada, uma vez que a escritura passa pela nossa vida e nossa vida passa pela escritura, já que tudo é linguagem.

4. Conclusões

O bom do ensaio é poder chegar ao “fim” e saber que não acabou (se tivesse acabado teria transformado as enunciações em monólogos). Não! Pelo contrário... Ensaiar é um ato poderoso, porque ele respeita e leva o outro em consideração, permitindo que esse ocupe seu lugar: posição de destaque! Quando ensaio, permito que o outro leia, criando (rebatendo, questionando, rumorejando). Talvez aí esteja o *dar a ler*, o *ler de ouvido* bakhtiniano, ou o *não-eu-em-mim*, inspirado em Bakhtin. Acredi-

to que a leitura do jornal também consiga se aproximar dessa realidade (mas não falo aqui platonicamente, referindo-me ao realismo extremado, ao reino das essências universais que subsistem, ao transcendente, ao que é apriorístico). Às vezes, me preocupo se estou solipsista ou um ser demiúrgico dividido em 2 mundos tal qual o Jano. Deveria ter optado mesmo pelo princípio da parcimônia, com o que é econômico, fazendo o máximo com o mínimo, usando a Navalha de Occam¹⁵⁸.

Mas de que adianta, se diálogo não é só aquilo que funciona, quando todo mundo se entende, mas é a diferença, a força oposta!? Tem gente que dá voz, mas não ouve... pede ajuda, mas não segue. Sei que o autor não é detentor do saber, é mentiroso, lançador de perguntas, inquisidor de dúvidas, é sempre relacional, já que a autoria é o acontecimento que legitima minha enunciação, uma vez que sou considerada em uma coletividade. Falar é fazer e não existe sujeito livre, nem neutralidade... coisas “amorais” não tem graça, o legal é a tensão, é ser excêntrica. Essa relação dialógica, ah! Essa sim, personifica, por não ter a pretensão de ser uma prática reducionista e acreditar que a enunciação é um processo de comunicação ininterrupto, por meio do diálogo.

De onde veio tanta ousadia? A inspiração máster talvez esteja naquele que nos permitiu perceber que o outro nunca é abstrato, senão uma arena de múltiplos discursos. Minha coragem se fez quando conheci um certo professor¹⁵⁹ Bakhtin que defendeu um estudo sobre o riso, sobre a cultura popular, sobre o carnaval e sobre fenômenos que, pela tradição e pelas particularidades, propiciam uma visão criativa, original e irreverente do mundo, o que foi (e ainda é) academicamente inusitado e divinamente insano (aliás, como a linguagem!). Quanto à continuidade, só aguardando a continuação da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *Conhecimento comum e conhecimento científico*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1972.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 5. ed.

¹⁵⁸Guilherme de Ockham, em inglês William of Ockam, criador da teoria da Navalha de Occam, foi um frade franciscano, filósofo, lógico e teólogo inglês (1288-1347).

¹⁵⁹Parafrazeando Érico Veríssimo (...um certo capitão Rodrigo...).

São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad.: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____; (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____; DUVAKIN, Viktor. *Mikhail Bakhtin em diálogo: conversas de 1973 com Viktor Duvakin*. São Carlos: Pedro e João, 2012.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 23. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.

FLORES, Valdir. Dialogismo e enunciação: elementos para uma epistemologia da linguística. *Linguagem e Ensino*, vol. 1, n. 1, p. 3-32, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papyrus, 2009.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*, vol. 29, n. 1, 2004.

_____. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *Era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PIRES, V. L. Da intersubjetividade na linguagem. *Fourteenth International Mikhail Bakhtin Conference*, 4-8 de julho de 2011, University of Bologna, University Centre of Bertinoro (Forlì-Cesena), Italy, 2011.

_____; VIEIRA, A. N. G.; KNOLL, G. F. Subjetividade e identidade na propaganda: aspectos verbais e visuais. *Nonada Letras em Revista*, Porto Alegre, ano 13, n. 14, p. 67-81, 2010.

QUINTANA, Mario. *Da preguiça como método de trabalho*. Rio de Janeiro: Alfabeta/Objetiva, 2013.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-36.

YIN, Robert K. *Estudo de caso, planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.